

Aspectos do verbo depoente para o ensino do Latim e do Português¹

Liebert de Abreu MUNIZ²

Resumo: O presente trabalho pretende discutir aspectos e possibilidades de leitura da voz média e sua extensão como verbo depoente em latim. A partir das contribuições de Suzanne Kemmer (1993) e de Rutger Allan (2002), ambas assentadas sob os postulados de Givón, veremos que a complexidade da matéria – de certa forma desprezada pelas gramáticas tradicionais das línguas clássicas – será mais bem entendida quando percebermos que sintaxe, semântica e pragmática cooperam para a eficácia do uso e do entendimento da linguagem e quando classificarmos voz média ou verbo depoente não a partir de definições generalizantes, antes a partir da concorrência das matérias citadas, tentando ver como voz média ou verbo depoente podem ser entendidos de forma prática, com as experiências de mundo. Por fim, tentaremos estabelecer diálogos, quanto ao assunto, entre latim e português.

Palavras-chave: Voz média; Verbo depoente; Latim; Português.

Abstract: This paper aims to discuss features and possibilities of readings of the middle voice and its extent as Latin deponent verb. From contributions of Suzanne Kemmer (1993) and Rutger Allan (2002), both seated on Givón's postulates, we will see that the complexity of the matter – somehow looked down up by the traditional grammars of the classical languages – be will better comprehended when we perceive that syntax, semantic and pragmatic concur to the efficiency of the employment and understanding of the language, and when we classify middle voice or deponent verb not from generalized definitions, rather from affluence of the mentioned matters, regarding as middle voice or deponent verb can be comprehended practically, with the experience of life. At last, we will intend establish dialogues, for that matter, between Latin and Portuguese language.

Keywords: Middle voice, Deponent verb, Latin, Portuguese.

A língua latina é conhecida, mormente entre os discentes de Letras, como uma língua complexa. Isso pode ser verdade se considerarmos que o latim clássico, o tipo de latim mais estudado nas universidades, dista notoriamente da estrutura do português hodierno. Quanto ao nome, por exemplo, o latim é uma língua de caso. Quanto ao verbo, o latim é predominantemente bem mais sintético do que português, acumulando, em uma só forma, marcas não só modo-temporais e número-pessoais, mas também de voz.

Como afirmam Meillet & Vendryes (1960, p. 261), a flexão verbal

1 Trabalho apresentado, em pôster, ao XVIII Encontro de Iniciação à Docência, Universidade Federal do Ceará/Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD/UFC, realizado em 2009, sob orientação do Prof. Dr. Josenir Alcântara de Oliveira, docente das disciplinas de Latim I e II, oferecidas pelo Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) do Curso de Letras da UFC.

2 Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE (2009.2) e atualmente Mestrando em Letras pela mesma Universidade. Bolsista da FUNCAP. Fortaleza - CE. Correio eletrônico: liebertmuniz@yahoo.com.br

latina é caracterizada pela rigidez do funcionamento de seu processo de derivação. Tudo se processa a partir das formas primitivas, registradas no enunciado de qualquer verbo latino.

Em latim, as vozes ativa e passiva são morfologicamente bem distintas no *infectum*, diferentemente do português, que, na passiva, utiliza a perífrase composta por participio e verbo auxiliar. Vale ressaltar, no entanto, que, no *perfectum*, a voz passiva latina muito se assemelha a essa perífrase do português³. Diante disso, as discussões centrais do presente estudo gravitarão em torno da noção de voz média como elemento verbal integrante do Indo-europeu, através do latim, até o português hodierno, ainda que de modo modesto e sucinto.

Tentaremos mostrar que a noção de verbo depoente é complexa – especialmente por envolver a noção de diátese – e apresentar recentes abordagens sobre a voz média. Ao longo da discussão, apresentaremos duas propostas tipicamente funcionalistas da diátese medial: a de Kemmer (1993) e a de Allan (2002), aquela aplicada a diversas línguas, esta aplicada ao estudo das línguas clássicas, especificamente ao estudo do grego. As duas propostas baseiam-se, principalmente, em Givón, que, em síntese, postula a não autonomia do sistema linguístico, entendendo a língua com um organismo interno, no qual sintaxe, semântica e pragmática convergem para a eficácia do uso da linguagem. A partir desse postulado, proporemos uma leitura do verbo depoente latino.

Nesse percurso, descreveremos uma rápida evolução do verbo depoente latino para o português, apontando suas perdas e implicações, com fito de, ao fim, contemplar questões didáticas que servirão de reflexões e propor, ainda que indiretamente, diretrizes para o ensino do latim e do português.

Segundo alguns teóricos (ALLEN & GREENOUGH, 1903; BENNETT, 1908; CART et al., 1955; LINDSAY, 1914; MEILLET & VENDRYES, 1960),³ Como língua derivada do indo-europeu, o latim estabeleceu toda a sua conjugação na oposição entre dois temas, *infectum* e *perfectum*. Inicialmente, eles funcionavam como aspectos verbais, indicando que a ideia expressa pelo verbo estava em realização, o *infectum*, ou estava inteiramente realizada, o *perfectum*. Ernesto Faria (1958, p. 229), considerando as inovações produzidas pelo latim, faz uma observação interessante. Segundo ele, a noção de aspecto verbal nesses dois temas foi substituída pela noção de tempo. Assim, o *infectum* apresenta, no indicativo, um presente, um passado e um futuro; o *perfectum*, no indicativo, igualmente apresenta um presente, um passado e um futuro. Quanto à estrutura da conjugação passiva no *perfectum*, a língua latina servia-se de uma formação perifrástica constituída pelo verbo *sum* e o participio passado dos verbos. Em latim clássico, para o presente do *infectum*, *amo* é traduzido por *eu amo* (sentido ativo) e *amor*, por *sou amado*, (sentido passivo); para o presente do *perfectum*, que na prática é o pretérito perfeito, *amaui* é traduzido por *amei* (sentido ativo) e *amatus sum*, por *foi amado* (sentido passivo), construção perifrástica.

a voz média indo-europeia passa para a tradição gramatical latina com a noção de verbo depoente.

Qualquer discente brasileiro, ingressante nos estudos das línguas clássicas, estranha o que as gramáticas dessas línguas chamam de verbos depoentes. Aqui nos limitaremos à língua latina, embora, ao longo do trabalho, se invoquem algumas reflexões sobre a língua grega, para avivar os traços comuns e separar os traços discrepantes.

O termo 'depoente' causa bastante estranheza aos estudantes de língua portuguesa. Nas línguas clássicas, porém, trata-se de uma terminologia comum. Outra terminologia possível para o verbo depoente, encontrada em diversos manuais da língua latina, é a de *passiva tantum*.

Muitos aspectos estão ligados à questão do verbo depoente, especialmente à categoria de voz. Voz, ou diátese verbal, que, resumidamente, pode ser entendida como a atitude, ou comportamento, do sujeito, em relação ao processo ou à ideia expressa pelo verbo.

Em muitas línguas indo-europeias, em grego e sânscrito, por exemplo, a divisão de diátese é tripartida: voz ativa, média e passiva. No entanto, as definições para cada uma das três diáteses não são simples. Mas, para uma rápida compreensão dessas vozes, podemos dizer que, na voz ativa, o sujeito é agente da ideia expressa pelo verbo; na média, o sujeito realiza, *grosso modo*, a ação em si mesmo ou em seu interesse; na passiva, o sujeito é paciente da ideia expressa pelo verbo. É de bom alvitre mencionar que, em grego, por exemplo, a voz média e a passiva não se distinguem formalmente, exceto no futuro e no aoristo. Daí o uso do termo médio-passivo nas demais formas do verbo grego.

Na língua latina, a diátese reduziu-se a duas, formalmente bem marcadas: ativa e passiva. As desinências verbais para a voz ativa são: *-o/m, -s, -t, -mus, -tis, -nt*; para a voz passiva: *-r, -ris, -tur, -mur, -mini, -ntur* – conforme ressalva supra (cf. nota 1), essas desinências aplicam-se apenas para o *infectum*. Historicamente, como afirma Lindsay (1914, p. 108), os depoentes latinos ocupam, até certo ponto, o lugar da voz média, semelhantemente ao grego. Dessarte, os verbos depoentes latinos são uma variação da voz passiva, uma vez que, formalmente, o latim apresenta, a rigor, apenas dois grupos que ajudam a marcar as vozes.

A maioria das gramáticas tradicionais da língua latina define verbo depoente como o verbo que se conjuga na forma passiva, mas que tem significação ativa (ALMEIDA, 2000, p. 283). As definições, porém, não são unívocas. Cart *et al.* (1955, p. 50), por exemplo, distinguem duas vozes básicas, ativa e passiva, apresentando o verbo depoente como uma terceira voz, de forma passiva e sentido ativo. Bennett (1908, p. 76) afirma que os depoentes latinos têm formas passivas com sentido ativo ou neutro. Allen & Greenough (1903, p. 103) definem o verbo depoente como de forma passiva, mas de significação ativa ou reflexiva. Logo em seguida (p. 104), porém, esses autores afirmam que alguns depoentes têm sentido passivo: *criminator* 'acuso' ou 'sou acusado'.

Todas essas tentativas de definir o verbo depoente latino relevam um aspecto importante ou outro, salientando um aspecto ora semântico, ora sintático, ora histórico. Tais procedimentos são confusos por uma falta ou de critério uniforme, ou por falta de um embasamento teórico que abarque a complexidade temática, ou ainda por ambos.

Nos últimos anos, porém, alguns estudos têm retomado a complexidade da voz média. Um deles é o livro de Suzanne Kemmer, *The middle voice* (1993), revisão de sua tese de doutorado, na qual, além de fazer um largo estudo tipológico, a autora propõe uma análise comparativa do fenômeno da voz média em trinta línguas, entre elas o latim. As terminologias adotadas pela autora não são comuns às gramáticas tradicionais da língua latina – como 'agente', 'beneficiário', 'experenciador', 'paciente' – e apontam para a natureza bem peculiar de sua análise.

Na perspectiva de uma abordagem funcional, esses termos são tratados como funções semânticas. Kemmer (1993) fixa-se basicamente no postulado givoniano, o da não autonomia do sistema linguístico, na concepção de uma estrutura interna como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática, sendo, na verdade, a sintaxe uma codificação da semântica e pragmática.

Assim estabelecido, Kemmer (1993) apresenta um inventário dos tipos de situação do médio, que pode parecer descritivo demais e suscitar a discordância em alguns. Ela destaca aspectos morfológicos e aspectos de linguagem de mundo, este último comum às línguas analisadas. Ela enumera treze tipos de situações da voz média

(KEMMER 1993, p. 16-20): 1) *Tratamento ou cuidado corporal*: Djola *-pɔs-ɔ* 'lavar-se'; Latim *lauo-r* 'lavo-me'; Bahasa Indonésia **ber-***dandan* 'vestir-se'; Escandinavo Antigo *klæða-sk* 'vestir-se'; Húngaro *borotvál-köz-* 'barbear-se'. 2) *Movimento não-translacional* (verbos de movimento corporal sem mudança total de posição): Kanuri *tàn-t-în* 'esticar-se'; Escandinavo Antigo *snúa-sk* 'voltar-se'; Latim *reureo-r* 'volto'; Grego Clássico *trépe-sthai* 'voltar-se'; Alemão **sich** *verbeugen* 'curvar-se'. 3) *Mudança na postura*: Djola *lak-ɔ* 'sentar-se'; Bahasa Indonésia **ber-***lutut* 'ajoelhar-se'; Alemão: **sich** *hinlegen* 'deitar-se'; Guugu Yimidhirr *daga-adhi* 'sentar-se'; Húngaro *emel-ked-* 'levantar-se'. 4) *Médio indireto* (inclui uma ação na qual o agente é recipiente ou beneficiário): Turco *ed-in* 'adquirir'; Escandinavo Antigo *eigna-sk* 'adquirir, dar entrada à petição de'; Grego Clássico *kta-sthai* 'adquirir para si mesmo'; Latim *apisco-r* 'obtenho'; Chagana *ku ti-tekela* 'tomar para si mesmo'. 5) *Eventos naturalmente recíprocos* (verbos em que há relação mútua ou recíproca entre dois participantes): Escandinavo Antigo *hitta-sk* 'encontrar-se'; Húngaro *ölel-kez-* 'abraçar'; Latim *amplecto-r* 'abraço'; Bahasa Indonésia **ber-***gumul* 'lutar, combater'; Guugu Yimidhirr *yirrga-adhi* 'conversar, concordar'. 6) *Movimento translacional* (verbos de locomoção, movimento de um ser animado ao longo de um curso no espaço): Pangwa *i-nu-xa* 'crescer'; Guugu Yimidhirr *madha-adhi* 'crescer'; Escandinavo Antigo *ganga-sk* 'ir, partir'; Bahasa Indonésia **ber-***jalan* 'passear, andar'; Grego Clássico *péte-sthai* 'voar'; Latim *ueho-r* 'viajo'. 7) *Médio emotivo*: Guugu Yimidhirr *dumba-adhi* 'chocar-se, assustar-se'; Alemão **sich** *fürchten* 'ficar assustado'; Mohave **mat** *iθa:v* 'estar irado'; Latim *irasco-r* 'fico irado'; Húngaro *bán-kod-* 'afligir-se, lamentar'. 8) *Modo de falar emotivo*: Latim *quero-r* 'queixo-me'; Alemão **sich** *beschweren* 'queixar-se'; Grego Clássico *olophüre-sthai* 'lamentar'; Turco *döv-ün* 'lamentar'; Sânscrito *krpa-te* 'lamentar'. 9) *Outros modos de falar*: Mohave **mat** *kuna:v* 'confessar'; Pangwa *-i-lumba* 'admitir a culpa de alguém'; Latim *fateo-r* 'confesso'; Kanuri *àwùlò-t-în* 'ser orgulhoso, ser uma pessoa vaidosa'; Húngaro *dicse-ked-* 'gabar-se'. 10) *Médio cognitivo* (verbos de estado ou processo mental): Bahasa Indonésia **ber-***pikir* 'estar cogitando'; Escandinavo Antigo *þykkja-sk* 'pensar'; Pangwa *-i-sala* 'pensar bem, considerar'; Latim *medito-r* 'pondero', 'medito'; Mohave **mat** *ahay* 'acreditar'. 11) *Eventos espontâneos*:

Chagana *ku-ti-milela* 'germinar, crescer, brotar'; Escandinavo Antigo *gróa-sk* 'florescer'; Bahasa Indonésia *ber-henti* 'parar'; Mohave *mat ico*: 'mudar, converter-se'; Turco *dinl-en* 'recobrar, restabelecer, recuperar'. 12) *Médio logofórico* (o marcador médio aparece em um verbo de 'dizer', 'opinião' e 'percepção' envolvendo um complemento clausular desses verbos; o agente, ou experienciador, que participa do evento expresso pela cláusula dependente é co-referencial com o sujeito do verbo principal): Islandês *þeir saús-st hlaupa* 'Eles viram eles mesmos correrem'. 13) *Médios passivos, impessoais, facilitativo*: Kanuri *t-úrúk-in* 'eu sou visto' (passivo); Alemão *Der Artikel liest sich leicht*; Francês *Le livre se vende bien* (facilitativo).

Com exceção do tipo (12) e alguns usos do (13), certamente todas essas situações apontadas por Kemmer (1993) podem ser encontradas nos verbos depoentes do Latim, como podemos testificar nos exemplos citados.

Outro estudo oportuno, porém direcionado apenas para o Grego, é o de Rutger Allan Jr., *The middle voice in ancient Greek: a study in polysemy* (2002), sua tese de doutorado. Depois de apresentar a fundamentação teórica da pesquisa, Allan (2002, p. 41-84) propõe uma classificação com onze tipos de usos do médio grego: 1) médio passivo, 2) médio de eventos espontâneos, 3) médio de processo mental, 4) médio de movimento corporal, 5) médio de movimento coletivo, 6) médio recíproco, 7) médio reflexivo direto, 8) médio de percepção, 9) médio de atividade mental, 10) médio de modo de fala, 11) médio reflexivo indireto. Segundo Allan (2002), qualquer ocorrência da voz média em Grego se enquadra em um desses tipos.

A principal contribuição dos dois estudos supracitados é a de permitir uma leitura mais ampla, levando em consideração as exigências do discurso⁴. Esses dois estudos fornecem uma compreensão mais próxima das experiências de mundo, desfazendo a total estranheza do assunto e aproximando os aspectos estritamente linguísticos das línguas clássicas aos das línguas modernas. É digno de nota que diversos estudos alicerçam as propostas de Kemmer (1993) e Allan (2002), dos quais apenas faremos uma ligeira notificação, tendo em

4 A despeito das duas abordagens citadas, Lindsay (1914, p. 109) já havia destacado importantes aspectos semânticos do uso do verbo depoente: "The I.-Eur. Middle was associated with Verbs indicating states of feeling, operations of the senses, condition of life; and the Deponents are still true to this type, e.g. *reor, vereor, irascor, contemplor, poetor, dominor, auguror, aemulor.*"

vista as limitações de espaço⁵.

Ao chegar ao Latim vulgar, devemos considerar que o tratamento dado ao depoente foi praticamente o mesmo dado à voz passiva. Na variante vulgar, as desinências passivas foram substituídas pelas desinências ativas. Assim, os depoentes do latim clássico *nasci, mori, mentiri, meditari, imitari* etc., no vulgar, convertem-se em: *nascere, morere ou morire*⁶, *mentire, meditare, imitare*. Os exemplos apresentados exemplificam a tendência à simplificação da variante vulgar do latim.

Em língua portuguesa, pouquíssimas gramáticas fazem qualquer relação entre o verbo depoente latino e o verbo português. Almeida (1983, p. 555-556), por exemplo, ao tratar do particípio, propõe que há formas participiais de significação ativa: *homem lido* = 'homem que lê muito'; *menino crescido* = menino que cresceu. A esses participios Almeida chama de **depoentes**.

Said Ali (1971) parece oferecer uma proposta mais estruturada, mesmo que não empregue o termo ou não comente a relação com os depoentes latinos e o verbo português. Em sua apresentação das vozes do verbo, esse filólogo identifica três tipos de voz em Português: voz ativa, passiva e medial. A grande contribuição de Said Ali (1971) é apresentar a voz medial em seus aspectos semânticos⁷, significativos, sem desprezar aspectos morfossintáticos. Segundo ele, um verbo na voz média pode ser entendido como o que se conjuga com um pronome reflexivo. Essa voz pode apresentar cinco significações básicas: 1) ação reflexiva, 2) estado ou condição, 3) ato material ou movimento que o sujeito executa em sua própria pessoa, 4) ação em que o sujeito aparece nitidamente afetado e 5) ação recíproca (cf. LIMA, 1999, p. 32).

Dessarte, não parece absurdo estabelecer uma relação entre a proposta de voz média para o Português, apresentada por Said Ali

5 Os estudos a seguir apontam as diretrizes de uma profícua discussão sobre a base teórica de Kemmer (1993) e Allan (2002): DIK (1997), GIVON (2001), LANGACKER (1987), LYONS (1980) e BENVENISTE (1988).

6 Segundo Pedro Machado (*Dicionário Etimológico da Portuguesa*. Lisboa – São Paulo: Editorial Confluência – Livros Horizonte, s/d), o verbo português 'morrer' provém do Latim vulgar *morere* ou *morire*. A forma infinitiva do Português 'morrer' justifica-se pelo futuro do vulgar *morerei*, que, pela síncope do e transformou-se em *morrei*.

7 Ao explicar as vozes ativa e passiva, Said Ali (1971) observa a importância dos aspectos semânticos. Citando as palavras do próprio gramático: "Andar, fugir, ir, voar e outros intransitivos representam atividade em que o sujeito é, como nos transitivos ativos, verdadeiro agente; porém em padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar não se revela nenhuma atividade da parte do sujeito. (...) A condição do sujeito aqui é a de paciente." (ALI, 1971, p. 177).

(1971) – em síntese, por critério morfossemântico –, e as propostas de Kemmer (1993) e Allan (2002). Embora esses autores distem temporalmente daquele, as suas propostas apresentam-se teoricamente compatíveis, fornecendo as bases para uma descrição minuciosa da voz média e abrindo ricas possibilidades de aplicações didáticas – tendo em vista o aspecto pragmático da abordagem – para o ensino da matéria, tanto para uma língua clássica, como a latina, quanto para a língua portuguesa.

Mesmo entre as gramáticas tradicionais da língua latina, alguns aspectos do verbo depoente parecem ser comuns: primeiro, o verbo depoente do latim corresponde à voz média grega; segundo, o depoente latino pode indicar reflexibilidade (ALLEN & GREENOUGH, 1903); por último, o depoente serve para expressar ações que envolvem sentimentos, operações da mente e condições de vida (LINDSAY, 1914). Mas, como vimos, as definições são bastante confusas.

Com as contribuições de Kemmer (1993) e Allan (2002), podemos nos fundamentar no aspecto semântico-pragmático e, a partir de experiências de mundo, ver como o verbo depoente pode ser entendido de forma prática, estabelecendo-se pontos de contato entre sistemas linguísticos diferentes.

Apesar de todo o esforço da tradição, não é simples nem suficiente definir verbo depoente como verbo de terminações passivas e significado ativo, fazendo confusão entre forma e sentido. Na verdade, parece melhor tentar definir verbo depoente, bem como a voz média, a partir das implicações semântico-pragmáticas exigidas pelo discurso, sem desprezar aspectos do sistema linguístico. Portanto, verbo depoente, utilizando as terminologias de Allan (2002) para o estudo de uma clássica língua como o grego e, por extensão, o latim, pode ser definido como verbo que pode indicar sentido passivo, sentido de eventos espontâneos, de processo mental, de movimento corporal, de movimento coletivo, sentido recíproco, reflexivo direto, de percepção, de atividade mental, de modo de fala e de sentido reflexivo indireto.

Obviamente, esse resultado não parece simplificar a matéria. Como vimos ao longo do trabalho, ela é, por natureza, complexa. No entanto, apoiados nas propostas de Kemmer (1993) e Allan (2002), nossa definição parece se configurar uma descrição mais completa das possibilidades do verbo depoente latino, ou da voz média.

Tal definição, por mais ampla e variada que seja, parece corroborar, a rigor, o resultado do verbo depoente para o ensino do português, consoante a linha de raciocínio de Said Ali (1971): os professores de língua portuguesa podem se servir das noções do depoente latino para introduzir a formação de verbos intransitivos e reflexivos.

Referências

ALI, Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

ALLAN, Rutger Jr. **The middle voice in ancient Greek**: a study in polysemy. (Tese de doutorado) Faculteit Der Geesteswetenschappen, Universiteit Van Amsterdam, 2002.

ALLEN & GREENOUGH. **New Latin Grammar**. Boston: Ginn & Company, 1903.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1983.

_____. **Gramática Latina**. São Paulo: Saraiva, 2000.

BENNETT, Charles. **A Latin Grammar**. Boston and Chicago: Allyn and Bacon: 1908.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**, p. 183 – 191; trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri; revisão do Professor Isaac Nicolau Salum – 2ª edição. São Paulo: Campinas, Pontes: Editora da Universidade de Campinas, 1988.

CART *et al.* **Grammaire Latine**. Paris: Fernand Nathan Éditeur, 1955.

DIK, Simon. **The Theory of Functional Grammar**, Part 1: The Structure of the Clause; Part 2: Complex and Derived Constructions. Dordrecht: Foris, 1997.

FARIA, E. **Gramática Superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

GIVÓN, T. **Syntax**: A Functional-typological Introduction, Vol. I e II, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

KEMMER, Suzanne. **The Middle Voice**, (TSL 23). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

LANGACKER, R.W. **Foundations of Cognitive Grammar**, vol. I e II, Stanford:

Stanford University Press, 1987.

LIMA, M. Claudete. **Elementos para um estudo da voz e, em especial, da voz média em Português**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1999.

LINDSAY, W.M. **A Short Historical Latin Grammar**. Oxford, 1914.

LYONS, J. **Semântica**. vol. I; Lisboa: Editorial Presença/ Marins Fontes, 1980.

MACHADO, Pedro. **Dicionário Etimológico da Portuguesa**. Lisboa – São Paulo: Editorial Confluência – Livros Horizonte, s/d.

MEILLET, A & VENDRYES, J. **Traité de grammaire comparée des langues classiques**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1960.

Recebido em 12 de dezembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.